

FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA

AMANDA KÉZIA BASTOS SANTOS

**O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO SUJEITO COM DISLEXIA
NA PERSPECTIVA INCLUSIVA.**

**Serra
2015**

AMANDA KÉZIA BASTOS SANTOS

**O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO SUJEITO COM DISLEXIA
NA PERSPECTIVA INCLUSIVA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Faculdade Doctum de
Pedagogia da Serra como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Lilian
Pereira Menenguci.

**Serra
2015**

AMANDA KÉZIA BASTOS SANTOS

**O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO SUJEITO COM DISLEXIA
NA PERSPECTIVA INCLUSIVA.**

Monografia apresentada à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 07 de Julho de 2015 pela banca composta pelos professores:

**PROFESSORA DR^a LILIAN PEREIRA MENENGUCI
ORIENTADORA**

**PROFESSOR DR. EDUARDO VIANNA GAUDIO
EXAMINADOR**

Dedico este trabalho a Deus, que permitiu que tudo pudesse ser realizado; à minha mãe, Jandilene Bastos, pelo apoio incondicional em todos os momentos; ao meu pai, José Nazareth, pela compreensão; ao meu namorado, Filipe Maioli, por me apoiar de diversas maneiras durante esta importante etapa de minha vida; à Professora Doutora Lilian Menenguci, por todos os ensinamentos; à Professora Doutora Ana Marta, pelo incentivo, você é minha inspiração.

A Deus.

Pelo ânimo renovado a cada dia.

A professora orientadora Dr^a Lilian Pereira Menenguci.

Aos momentos de reflexão e dedicação, transformando-me não somente em uma pesquisadora, mas ajudando a construir minha personalidade.

*Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição
a qualquer forma de discriminação.*

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa, teve como objetivo entender como acontece o processo de avaliação da aprendizagem do aluno com dislexia. Dessa maneira, analisamos a prática pedagógica de uma professora, a partir de suas estratégias de intervenção até as práticas avaliativas que realiza com a criança disléxica. Este trabalho teve como embasamento teórico as escrituras de Vygostky. O campo de investigação selecionado foi uma escola da rede privada da cidade de Serra (ES), e como sujeito, um aluno disléxico do segundo ano do Ensino Fundamental I. Para a coleta dos dados utilizamos entrevista, questionário e as observações em sala de aula. Os resultados indicaram que este aluno dispõe de uma prática avaliativa inclusiva.

Palavras-chave: Dislexia, Inclusão, Avaliação da aprendizagem.

ABSTRACT

This research aimed to understand how does the evaluation process of student learning with dyslexia. In this way , we analyzed the pedagogical practice of a teacher , from their intervention strategies to the evaluation practices that performs with the dyslexic child . This work was theoretical background of the scriptures Vygostky . The selected research course was a private school in the city of Serra (ES) , and as a subject, a dyslexic student of the second year of primary education I. To collect data I used interviews, questionnaires and observations in the classroom . The results indicated that this student has an inclusive assessment practice .

Keywords: Dyslexia , inclusion, learning assessment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DISLEXIA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?	11
1.1 DEFINIÇÕES DO CONCEITO A PARTIR DE DIFERENTES OLHARES	11
1.2 IDENTIFICAÇÃO DA DISLEXIA	14
1.3 DIAGNÓSTICOS DA DISLEXIA.....	16
1.4 TIPOS DE DISLEXIA	18
2. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA TEORIA VYGOTSKYANA	23
2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO ALUNO DISLÉXICO	24
2.2 ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÃO NO PROCESSO DO ALUNO DISLÉXICO.....	25
2.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO DISLÉXICO.....	27
3. O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ALUNO DISLÉXICO: UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA	29
4. METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho, resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa, surgiu de inúmeras inquietações pedagógicas construídas ao longo do cumprimento do estágio realizado com uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental I. Nessa turma, uma das minhas atividades principais dizia respeito ao acompanhamento pedagógico do processo de aprendizagem de um aluno diagnosticado como “dislético”.

A partir das observações e do contato diário com o aluno, sentimos a necessidade de compreender o que significava a “dislexia”, sobretudo, suas possíveis causas, diagnóstico, formas de intervenção no processo de ensino e avaliação da aprendizagem desse alunado.

O Pacto Nacional de Alfabetização da Idade Certa (PNAIC) estima que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Entretanto, nem todas as crianças obtêm sucesso na aprendizagem do ensino da leitura e da escrita. Toda criança apresentará alguma dificuldade, em algum momento da aprendizagem, o que é um processo natural, visto que, cada uma tem um desenvolvimento diferente, e que a partir do momento em que se inicia a vida escolar, são exigidas habilidades que antes não eram necessárias.

Porém, não podemos generalizar que todas as dificuldades no processo de aprendizagem são processos naturais, existem os alunos disléxicos que apresentam dentre tantas características, a dificuldade de exercer o domínio sobre a leitura e escrita; codificação e decodificação das palavras e assimilação de fatos.

Portanto, cabe aos educadores lutar junto à equipe pedagógica, para que a avaliação seja feita quando for detectado algum indício de problemas de leitura desde a educação infantil, os recursos estão disponíveis, e são de extrema importância para uma prática inclusiva.

Com o propósito de investigar como tem ocorrido a inclusão é que resolvemos pesquisar um espaço educacional, e assim, observar de que modo a teoria e prática se relacionam.

Sabemos que para alcançar a finalidade da inclusão é necessário que o docente olhe para além das adequações da escola, é fundamental que ele construa e amplie suas habilidades para que alcance as necessidades de aprendizagem de todas as crianças.

Buscamos então, com este trabalho, investigar se o aluno disléxico inserido em um rede regular de ensino privada, dispõe de uma prática avaliativa inclusiva. Para alcançar esses resultados consideramos necessário analisar o ponto de vista da professora que lida diariamente com esse aluno, analisando como acontece o processo de avaliação da aprendizagem do aluno disléxico.

1. DISLEXIA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

Quando falamos sobre a dislexia, nos referimos a um distúrbio que se constitui em um dos mais sérios desafios sociais e educacionais hoje e que atinge cerca de 0,5% a 17% da população brasileira.¹ Trata-se de uma necessidade específica de aprendizagem de origem neurológica, em que o aluno encontra dificuldade no processo de soletração, expressão, matemática, codificação e decodificação das palavras.

A dislexia geralmente é identificada em crianças na fase escolar e persiste até a vida adulta. Durante a escolarização, é possível lidar bem com esse distúrbio desde que seja feito uso de métodos e ferramentas adequadas para suprir as necessidades educacionais.

Vale ressaltar que é indispensável o acompanhamento de profissionais especializados e capacitados, para o diagnóstico e acompanhamento do sujeito disléxico.

1.1 DEFINIÇÕES DO CONCEITO A PARTIR DE DIFERENTES OLHARES

Identificada pela primeira vez por Berklan, em 1881, o termo “dislexia” só foi usado em 1887 por Rudolf Berlin, um oftalmologista alemão. Ele usou o termo para se referir a um jovem que apresentava dificuldade na codificação e decodificação de palavras, mas que apresentava habilidades intelectuais normais em todos os outros aspectos (BAROJA, 1989).

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) a dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração.

¹ Segundo dados levantados pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD).

Ao contrário do que se pode imaginar, a dislexia não é uma decorrência de má alfabetização, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência, a dislexia é uma condição hereditária.

Conforme Selikowitz:

A dificuldade específica de leitura é, portanto, uma forma de dificuldade específica de aprendizagem onde a leitura é a habilidade particularmente afetada e que o diagnóstico da dificuldade específica da leitura é baseado no grau de atraso da leitura e não em tipos específicos de erros que a criança comete. (SELIKOWITZ, 2001, p.48)

Segundo a Classificação Internacional das Doenças (CID 10), da Organização Mundial da Saúde (OMS), a dislexia é definida como um conjunto de transtornos nos quais os padrões normais de aquisição de habilidades de leitura são perturbados desde os estágios iniciais do desenvolvimento. Eles não são simplesmente uma consequência de uma falta de oportunidade de aprender, nem são decorrentes de qualquer forma de traumatismo ou doença cerebral adquirida.

Na perspectiva da Associação Internacional de Dislexia (IDA), a dislexia “ é uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. Caracteriza-se por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica”.

No Brasil temos a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), que compartilha do conceito anterior e explica ainda, que o termo Dislexia vem do grego e do latim: *Dis*, de distúrbio, vem do latim, e *Lexia*, linguagem, do grego. Portanto, a dislexia é então entendida como uma disfunção neurológica que apresenta como consequência dificuldades na leitura e na escrita.

Para Blasi (2006), a dislexia é vista como uma dificuldade no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Tem como principal característica as dificuldades encontradas pelo alunado no processo de alfabetização que geralmente são marcadas por trocas e confusões entre letras de formas vizinhas, confusão entre letras relacionadas a produções fonéticas que são

semelhantes, omissão de letras e/ou sílabas, adição de letras e/ou sílabas como, união de uma ou mais palavras e divisão inadequada de vocábulos.

Nesse segmento Rubino (2008) complementa que a dislexia é um transtorno de aprendizagem hereditário e sem cura, que acarreta uma falha nas conexões cerebrais, principalmente nas regiões responsáveis pela leitura, pela escrita e pela soletração.

Segundo a American Psychiatric Association (Associação de Psiquiatria Americana.), dislexia é um transtorno específico no aprendizado da leitura, cuja característica principal é o rendimento escolar abaixo do esperado para a idade cronológica, potencial intelectual e escolaridade do indivíduo.

Deuschle e Cechella conceituam a dislexia sendo:

[...] um distúrbio específico de leitura e escrita que tem sua origem durante o desenvolvimento do cérebro antes mesmo do nascimento. As mal-formações cerebrais se encontram em áreas vinculadas ao processamento fonológico, incluindo a área temporo-occipital, conhecida como área visual da forma da palavra falada, e no corpo geniculado medial. (DEUSCHLE E CEHELLA, 2009, p.23)

Alguns pesquisadores na área de Psicopedagogia, entre os quais destacaria as investigações de Anne Van Hout e Françoise Estienne, (2001), consideram que as dislexias², são conjuntos de déficits cognitivos que têm sua origem na alteração cerebral que afeta uma ou mais funções que participam do processamento da leitura.

Conforme Gonçalves (2006) a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que envolve áreas básicas da linguagem, podendo tornar árduo esse processo, porém, com acompanhamento adequado, a criança pode redescobrir suas capacidades e o prazer de aprender. Silva (2009) afirma que dislexia é uma dificuldade específica de linguagem, que se apresenta na língua escrita.

A partir da compreensão desses conceitos é que torna-se possível ao professor adaptar as condições de ensino, garantindo meios para possibilitar as

² A palavra encontra-se no plural, pois, existem 3 tipos de dislexias, o autor se refere a todos.

aprendizagens e oportunizar a todos a dinamização do processo de conhecimento.

1.2 IDENTIFICAÇÃO DA DISLEXIA

Os alunos disléxicos podem apresentar erros na leitura, como eliminações de letras, mudanças, distorções ou aumento de palavras ou partes de palavras; lentidão ao copiar do quadro, inversões de palavras em frases ou de letras dentro de palavras. Podem também, apresentar déficits na compreensão leitora, caracterizada por incapacidade de recordar o que foi lido, dificuldade de extrair conclusões, recorrer aos conhecimentos gerais e não recordar detalhes.

De acordo com Martins (2001), os disléxicos fazem confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia como: "a-o", "e-d" e "h-n", por exemplo. Os disléxicos apresentam uma escrita imperfeita, verificando-se irregularidade do desenho das letras, denotando, assim, perda de concentração e de fluidez de raciocínio; além disso, eles também se confundem com letras com grafia parecidas, mas com diferente orientação no espaço como "b-d", "d-p", "b-q", "d-b", "d-p", "d-q", "n-u" e "a-e". A dificuldade pode ser ainda para letras que possuem um ponto de articulação comum e cujos sons são próximos: "d-t" e "c-q", por exemplo.

Dentre as dificuldades dos disléxicos, para o diagnóstico precoce, a equipe pedagógica e os pais devem ter atenção para as inversões de sílabas ou palavras, bem como a adição ou omissão de sons, repetição de sílabas, pulos de linhas e soletração defeituosa de palavras.

Os “erros” na escrita cometidos pelas crianças não são imperfeições decorrentes da não apropriação de um modelo de língua, os erros indicam o percurso percorrido pelo alunado na sua história de aquisição da escrita (Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson, 2003).

As dificuldades encontradas pela criança, são indicações e pistas da própria identificação da dislexia. Essas dificuldades consistem em atraso de linguagem ou em dificuldade de articulação. Na maioria das vezes é difícil conseguir identificar precocemente os sintomas da dislexia na criança, o único fator de risco é a existência de membros da família diagnosticados como disléxicos. Por

esses fatores, aumentam as possibilidades de que a criança disléxica seja diagnosticada apenas mais tarde.

É importante ressaltar que o aluno com suspeita de dislexia é classificado pelo docente como alguém que está com baixo rendimento na escola diante da aprendizagem da escrita, é possível supor que qualquer criança pode apresentar uma baixa autoestima e pouco interesse pela escrita, sobretudo, quando a instituição de ensino a enuncia como incapaz em função de hipóteses e “erros” que acompanham o processo de aprendizagem.

Para Shaywitz (2006), a maior parte dos alunos da pré-escola gosta muito de brincar com sons e rimas. Muito do humor dos livros para essa faixa etária explora a fascinação das crianças por rimas. Alunos de três e quatro anos se divertem muito ao ouvir e repetir sons e rimas. As crianças disléxicas têm dificuldade para penetrar na estrutura sonora das palavras e são menos sensíveis às rimas. A sensibilidade à rima implica uma conscientização da divisão das palavras em segmentos menores de som e palavras diferentes podem ter um som comum. Essa habilidade indica que a criança está pronta para a leitura. A habilidade com rimas é um forte indicativo do sucesso na leitura.

Para Frank (2003), os indícios de que uma criança é disléxica não se cristalizam até que a dislexia possa ser diagnosticada claramente, embora estes possam ser detectados antes de começar a vida escolar, como o atraso na fala. Até os cinco ou seis anos é comum crianças inverterem palavras quando leem ou escrevem, mas ao completar oito anos, esses sinais indicam um problema mais sério. No 4º ano exames específicos podem revelar que a criança tem dislexia.

A criança disléxica desde a pré-escola apresenta dificuldades para decorar cantigas de rodas, tem dificuldades para amarrar cadarços dos sapatos ou calçá-los, para se vestir sozinho, abotoar a roupa é quase impossível para ela. Confunde também tempo e espaço, hoje, amanhã, ontem, direita, esquerda, para cima e para baixo. Apresenta dificuldade com a sequência, nunca sabe o

dia, mês ou ano em que está. Não consegue se expressar com clareza, se perde no meio do discurso. (LOPES e OLIVEIRA, 2007).

Vale ressaltar também, a importância dos enunciados produzidos pelos pais e professores sobre a criança: “ele não sabe nada”; “ele não gosta de estudar”; “ele é uma criança inquieta”; “ele é igual ao pai que não conseguiu nem terminar a quarta série”. Nesse sentido, o ritmo de aprendizagem e a idade não são tomados como fatores isolados e independentes das práticas sociais nas quais os sujeitos estão imersos

Por isso, diante de um cenário tão diverso, antes de conceber a criança como portadora de um distúrbio, Massi (2005) afirma ser imprescindível compreender o trajeto trilhado por ela para se apropriar da escrita, bem como os efeitos de práticas discursivas que cercam esse trajeto. Se a dislexia vem sendo entendida e identificada como um distúrbio de linguagem, não é possível negar que a sua explicitação depende da diretriz de estudos linguísticos.

1.3 DIAGNÓSTICOS DA DISLEXIA

O distúrbio de aprendizagem é um dos indícios que podem indicar a presença da dislexia, porém, o fato da criança não ter sido alfabetizada ou ter um histórico familiar com distúrbios de aprendizagem, não é o suficiente para diagnosticar como disléxico.

Segundo Border (1996), a dislexia é diagnosticada por processo de exclusão; indiretamente, à base de elementos neurológicos; diretamente, à base da frequência e persistência de certos erros na escrita e na leitura.

Uma criança que nasce em uma família que tem outros sujeitos com dificuldades de leitura e de escrita está sujeita a receber o diagnóstico de disléxico. Berberian e Massi (2006) citam os seguintes comentários de mães de crianças disléxicas: “Ela puxou por mim. Eu tenho dislexia, ela também tem”; “Para eu entender os textos que tenho que ler na faculdade, eu tenho que ler várias vezes. Eu tenho essa dificuldade e ela também”; “Ele é preguiçoso. Quando ele se interessa, ele presta atenção”.

Esses discursos validam a dislexia na família, a partir do momento em que o diagnóstico é dado, e a criança parece, nesse sentido, ser uma cópia dos pais. O senso comum, com isso, transforma uma suposta herança social em herança natural.

Na realização do diagnóstico é de extrema importância utilizar procedimentos que possibilitem determinar o nível funcional da leitura, seu potencial e capacidade, a extensão da deficiência, as deficiências específicas na capacidade de leitura, a disfunção neuropsicológica, os fatores associados e as estratégias de desenvolvimento e recuperação para a melhoria do processamento neuropsicológico e para a integração das capacidades perceptivo-linguísticas.

Uma intervenção bem sucedida depende de uma avaliação criteriosa e multidisciplinar (neurologia, fonoaudiologia, psicologia, pedagogia ou psicopedagogia). O processo de avaliação dos fatores cognitivo-linguísticos deve estar ligado aos modelos teóricos de aprendizagem da leitura.

Alguns aspectos devem ser observados para se realizar o diagnóstico de dislexia: histórico familiar de dislexia; alterações precoces na linguagem, referentes à articulação, mas não à compreensão; leitura e escrita muitas vezes incompreensíveis; medo de ler em voz alta; ansiedade ao realizar testes; dificuldade em soletrar; capacidade superior de aprendizagem aliada à escrita deficiente; compreende a ideia principal, mas não recorda os detalhes do texto; confusões de letras com diferente orientação espacial (b/d); troca de fonemas surdos por sonoros, ou o contrário; dificuldades com rimas; metáteses ou epênteses; substituições de palavras com estruturas semelhantes; fragmentação incorreta em frases (ex: quando xe ga mi acourda) e dificuldade para compreender o texto lido, além de leitura lenta e silabada.

Deve-se ressaltar ainda, que o diagnóstico precoce da dislexia é importante porque o cérebro apresenta maior plasticidade em crianças pequenas e é potencialmente mais maleável para um redirecionamento dos circuitos neuronais.

Massi e Berberian (2005) afirmam que a aquisição da escrita não segue uma linearidade, e os seus “desvios” não são manifestações sintomáticas. Segundo as autoras, o diagnóstico de dislexia elaborado por profissionais da área da saúde se dá por critérios que desconsideram as dimensões sociais, restringindo historicamente o uso da escrita por uma parcela significativa da população.

O diagnóstico e a avaliação da dislexia são fundamentais, sobretudo para definir estratégias de intervenção, visando ao sucesso escolar. Assim sendo, alunos disléxicos podem alcançar o sucesso escolar, bem como ter atividades profissionais apoiadas na leitura e na escrita, estando relacionado o sucesso acadêmico ao apoio recebido na escola, na família e de profissionais especializados.

1.4 TIPOS DE DISLEXIA

Existem três tipos de dislexia, mencionadas por autores, e, presenciadas na prática cotidiana escolar: a dislexia visual, a dislexia auditiva e a dislexia mista.

O problema da dislexia visual tem origem no percurso do estímulo visual até ao córtex visual, portanto, prende-se com a forma como o cérebro processa e interpreta esse estímulo. No caso da dislexia auditiva, o cérebro tem dificuldade em processar e interpretar a informação que é ouvida, ou seja, neste caso o problema tem origem no percurso do estímulo auditivo até ao córtex auditivo. Quanto à dislexia mista, alguns dos problemas podem ser do tipo visual, ao passo que outros podem inscrever-se no tipo auditivo, ou seja, é uma combinação das duas anteriores.

A dislexia visual é caracterizada por problemas relacionados com a sequência, ou seja, com a inaptidão de sequenciar letras, palavras e números. A criança diagnosticada com dislexia visual tem dificuldade em sequenciar as letras do alfabeto, as palavras, os dias da semana, os meses ou, até, em seguir instruções relativamente simples quer elas sejam verbais quer sejam dadas por escrito. Apresenta ainda problemas de codificação e decodificação, confundindo letras e palavras parecidas, revertendo-as por vezes.

A escrita da criança com dislexia visual geralmente é incerta, apresentando letras grandes e pequenas, falhas, rotações, reversões, emendas e rasuras frequentes.

O aluno diagnosticado com dislexia auditiva tem problemas com certas funções auditivas intra-sensoriais, tendo dificuldade, em apontar as unidades de som da linguagem, sendo-lhe difícil, portanto, transformá-las em palavras ou, vice-versa, pode não conseguir dividir uma palavra em sílabas. Tem ainda problemas em relacionar o som com a letra, por isso a soletração é uma tarefa difícil para uma criança com dislexia auditiva, tende a escrever muito devagar, rasurando muito o texto, devido à sua insegurança em soletrar as palavras.

A criança com dislexia auditiva tem muita dificuldade em diferenciar letras e palavras cujo som é parecido. Por exemplo, pode confundir o som do “m” com o do “n”, as letras “d”, “q”, “b”, “g”. Ela não percebe que os sons iniciais e finais de palavras são iguais, trocam a ordem das consoantes, confundi os dígrafos, não percebe as rimas.

A dislexia mista tende a apresentar comportamentos associados a duas as áreas, visual e auditiva, ou seja, alguns problemas são de ordem auditiva ao passo que outros são de ordem visual.

1.5 PERSONALIDADES COM DISLEXIA

Algumas personalidades (nacionais e internacionais) disléxicas, são exemplo de pessoas que ultrapassaram as barreiras que a dislexia proporciona ao aprendizado e que obtiveram um grande sucesso profissional.

São eles:

Agatha Cristie, Albert Einsten, Alexander Graham Bell, Auguste Rodin, Ben Johnson, Charles Darwin, Cher, Felipe Titto, Gustave Flauber, Harry Belafonte John Lennon, Keanu Reeves, Leonardo da Vinci, Margaux Hemingway, Nelson Rockefeller, Oliver Reed, Orlando Bloom, Robin Williams, Steve Jobs, Steven Spielberg, Thomas A. Edison, Tom Cruise, Vicent Van Gogh, Walt Elias Disney

Winston Churchill, Woodrow Wilson, Woopy Goldeberg, dentre outros.

O fato de terem problemas com leitura, escrita, ortografia e matemática não significa que sejam incapazes. A mesma função mental que produz problemas pode também produzir esses gênios.

1.6 FORMAS DE TRATAMENTO DA DISLEXIA

Não há um tratamento de intervenção com enfoque único que tenha demonstrado a capacidade de proporcionar melhoras. O clínico que se habilita a tratar um disléxico deve conhecer as numerosas estratégias de intervenção e tratamentos já propostos, alguns dos quais não se embasam em nenhum estudo científico e são oferecidos por diferentes profissionais.

Deuschle e Cechelha afirmam que:

Por mais difícil e frustrante que seja realizar recomendações terapêuticas, a falta de participação do clínico na dislexia pode acarretar um desenvolvimento desfavorável sobre a criança e a família que enfrenta este problema. Apesar da escassez de estudos científicos acerca da intervenção terapêutica para as crianças com transtornos de aprendizagem, o neuropediatra, o pediatra especialista em distúrbios do desenvolvimento e o psiquiatra infantil ocupam um lugar crucial que vai além do processo de diagnóstico. (DEUSCHLE E CECHELHA, 2009 p. 13)

Mesmo que os tratamentos tentem corrigir o déficit em um dos âmbitos, a melhor alternativa terapêutica será aquela que considerar a natureza múltipla do transtorno. Os enfoques terapêuticos devem ser baseados nos princípios básicos da aprendizagem da leitura, no processo de transformação grafemafonema e no reconhecimento global da palavra.

A ação terapêutica deve consistir em ajudar as crianças a aprenderem a organizar verbalmente estímulos visuais e auditivos para facilitar sua posterior associação com o significado. Isto implica em agrupar os estímulos de acordo com alguma categoria, como por exemplo, consoantes, sílabas iguais em início de palavras, rimas, mesmo som no meio da palavra, características semânticas, etc. Ao mesmo tempo, deve-se estimular a tomada de uma consciência fonêmica para a decodificação e uma consciência ortográfica que corrija lapsos visuais. Este enfoque tem como objetivo integrar o

reconhecimento dos sons e signos ortográficos, com a busca de significados verbais de maior amplitude para facilitar a compreensão do texto.

Para crianças que ainda não iniciaram o processo de aquisição do código escrito, a terapia evolutiva procura desenvolver áreas sensório-motoras da criança, a fim de que ela adquira os elementos necessários para o código escrito. O emprego de métodos fonológicos para prevenir ou remediar a dislexia tem se tornado, nos últimos anos, no pilar fundamental do tratamento.

O tratamento baseia-se principalmente no domínio fonológico, que permita à criança detectar fonemas, pensar sobre eles e utilizá-los para construir palavras e sentenças. A dislexia implica uma abordagem mediante uma estratégia psicopedagógica destinada a estabelecer nexos entre a recepção do estímulo e sua incorporação ao léxico. Em um estudo no qual as crianças que receberam intervenção baseada na consciência fonológica obtiveram ganhos significativos nas habilidades de consciência fonológica e desenvolvimento das habilidades de leitura quando comparadas àquelas que receberam outros tipos de intervenção.

Os estudos envolvendo a dislexia têm importantes implicações sobre os modelos atuais que explicam sua natureza e, também, sugerem a plasticidade dos sistemas neurológicos da leitura em crianças. A partir do olhar educativo, as implicações são claras: a intervenção parece desempenhar uma ajuda importante para o desenvolvimento dos sistemas neurológicos especializados na leitura eficiente. Os programas com atividades baseadas no processamento fonológico mostram que são efetivos, tanto no âmbito educativo quanto clínico.

O tratamento deve ser centrado na reeducação da leitura e escrita, abordando os aspectos envolvidos. O profissional, fonoaudiólogo ou psicopedagogo, capacitado para trabalhar com dislexia, parte de um diagnóstico completo, necessário para que seja feito um planejamento para cada etapa, seguindo uma cronologia adequada.

O diagnóstico e a avaliação da dislexia são fundamentais, sobretudo para definir estratégias de intervenção, visando ao sucesso escolar. Assim sendo, crianças e adolescentes disléxicos podem alcançar o sucesso escolar, bem

como ter atividades profissionais apoiadas na leitura e na escrita, estando o sucesso acadêmico relacionado ao apoio recebido na escola, na família e de profissionais especializados.

Vale ressaltar ainda, que a identificação precoce da dislexia, que é o caso do aluno Cirilo³ importante pois, o cérebro apresenta maior plasticidade em crianças pequenas e é potencialmente mais maleável para um redirecionamento dos circuitos neuronais.

³ Nome fictício utilizado para a identificação do aluno.

2. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA TEORIA VYGOTSKYANA

Na teoria Vygostkyana, o processo de aprendizagem acontece através da mediação, ou seja, a interação recíproca entre o aluno e as possibilidades do aprender e conhecer. Vygotsky propõe que:

O aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (VYGOTSKY, 1999, p. 32).

Deste modo, para que a aprendizagem se efetive é necessário que a interação entre os indivíduos aconteça a partir da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), mais precisamente no intervalo entre o que o aluno já sabe, seu conhecimento real, e aquilo que ele é capaz de aprender, o conhecimento potencial.

Vale ressaltar a importância da interação social para crianças disléxicas, onde Vygotsky (1999) se referencia dizendo que:

Qualquer defeito, seja a cegueira, a surdez, ou a deficiência mental inata... influem, sobretudo, nas relações com as pessoas. Também na família, a criança cega e a surda é, antes de tudo, uma criança peculiar e se lhe oferece um trato exclusivo, inabitual, distinto ao que se lhe dá aos outros, e isto não só ocorre nas famílias nas quais esta criança é considerada uma carga pesada e um castigo como também quando é rodeada de um amor duplicado ou uma atenção superprotetora que a separa dos demais. Isto evidencia, diz, tanto as confissões reflexivas dos próprios cegos e surdos, como a observação cotidiana, muito simples, da vida das crianças com defeito e os dados de análise científica e psicológica. (VYGOTSKY, 1999, p.53)

As hipóteses de Vygotsky, embora tenham sido formuladas há muito tempo, são absolutamente atuais e dizem respeito aos fins da escola inclusiva. O que implica no enriquecimento do ambiente de aprendizagem, dos recursos e

métodos a serem utilizados e não em uma educação precária, como era comum se encontrar em escolas especiais.

Vygotsky considera que o defeito, não é um impedimento para o desenvolvimento do indivíduo. O que poderia constituir esse impedimento seriam as mediações estabelecidas, as formas de lidarmos com o problema, negando possibilidades de trocas e relações significativas que possibilitam o crescimento do indivíduo.

Portanto, na visão de Vygotsky e na perspectiva de inclusão, exercer a função de docente implica em assistir o aluno, adequando os recursos didáticos, a fim de que ele seja capaz de desenvolver um nível de conhecimento mais elevado do que seria capaz sem a sua ajuda.

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO ALUNO DISLÉXICO

A dificuldade escolar vem conforme o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e deve ser observada e solucionada, pois toda dificuldade escolar tem sua causa e sua solução. O aluno disléxico apresenta várias características, sendo elas:

- Atraso no início da fala;
- Dificuldades na produção e na expressão verbal;
- Desinteresse em explorar livros ou ouvir histórias;
- Dificuldade na aquisição de rimas;
- Dificuldade em nomear e identificar letras/sons;
- Escrita com erros ortográficos;
- Leitura lenta;
- Dificuldade em decodificar palavras desconhecidas;
- Escrita de texto lenta e pouco organizada;
- Baixa velocidade de processamento de informação verbal;
- Dificuldade em separar e sequenciar sons (ex: M-A-C-A-C-O);
- Dificuldade em identificar fonemas de sons semelhantes (ex: t/d, g/j, p/b);

- Dificuldade em identificar as letras com orientação espacial (ex: d/p/q/b, m/n/u/v, /i/j).

Apesar das características citadas anteriormente, o disléxico apresenta nível de inteligência normal ou até superior ao da maioria da população, podendo desenvolver o lado artístico, pensamento científico, entre outras qualidades. Alguns pesquisadores acreditam que os disléxicos têm uma probabilidade maior de se tornarem bem sucedidos, pois a dislexia estimula a criatividade e a habilidade de lidar com as dificuldades do cotidiano.

2.2 ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÃO NO PROCESSO DO ALUNO DISLÉXICO

O aluno disléxico precisa da intervenção de um docente que faça uso de recursos e atividades individuais diferenciadas, que garantam o seu desenvolvimento.

Emília Ferreiro em seus escritos diz que:

A leitura é um destreza. A escrita é uma destreza. Um dos requisitos prévios para o desenvolvimento de uma destreza é o raciocínio inteligente quanto aos problemas e as tarefas que implicam e ao porquê deles. Para raciocinar de modo efetivo sobre as tarefas de leitura e escrita, as crianças precisam formar conceitos sobre as funções comunicativas e os traços linguísticos da fala e da escrita. A escola influi, favorável ou não no desenvolvimento desse aprendizado. Os métodos de ensino que por ventura obscureçam ou que ocultem estes conceitos inibirão sua formação. Se as escolas empregam métodos e materiais que se ajustam ao desenvolvimento conceptual da criança, as destrezas da leitura/escrita podem desenvolver-se de maneira fluida e natural. (FERREIRO, 1987, p. 192)

Portanto, o docente desempenha um papel muito importante no processo de ensino-aprendizagem, onde o aluno ao apresentar dificuldade nesse processo deve ser atendido com a utilização de recursos e estratégias de acordo com suas necessidades.

Há várias formas de desenvolver um trabalho com aluno disléxico, Nascimento, Santana e Barbosa (2011) sugerem que o docente deve:

Incentivá-lo destacando suas conquistas; adequar o material pedagógico, de forma que atenda suas necessidades e valorize seus aspectos fortes; permitir o uso de gravadores, uma vez que o disléxico não consegue ouvir e escrever ao mesmo tempo, proporcionando maior segurança e tranquilidade no momento de realizar a lição de casa; utilizar-se de apoio visual como um suporte para leitura e atividades; ensinar a sintetizar por meio de palavras ou desenhos o conteúdo que lhe foi exposto; as avaliações devem ser feitas oralmente, sempre que possível; prever mais tempo, tanto para a execução de tarefas, atividades e avaliações, pois o disléxico precisa de mais tempo para acessar a informação armazenada, uma vez que a capacidade para o aprendizado está; procurar um local tranquilo para que ele consiga fazer as avaliações, pois qualquer barulho poderá distraí-lo, interferindo em sua performance; é importante que as crianças sejam expostas com mais intensidade à leitura para armazenar as formas ortográficas das palavras; os sujeitos com distúrbios de leitura e escrita devem participar de atividades que possam promover o desenvolvimento da consciência fonológica.

Dentre as sugestões citadas anteriormente, a que mais nos chama atenção é a avaliação oral, uma vez que não existe uma lei que dê o direito aos alunos disléxicos a sempre realizarem avaliações oralmente. Essa estratégia é a melhor forma de se avaliar, pois o aluno disléxico tem dificuldade em decodificar as letras.

Garcia complementa dizendo que:

No ambiente escolar, faz-se necessária uma intervenção direta nas habilidades de leitura, associada a atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem. No entanto, todas as atividades de estimulação da linguagem escrita devem ser realizadas de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer em ler e escrever. (GARCIA, 2012, p.8)

Com relação às propostas de ações pedagógicas Capretz (2012) sugere que o docente ensine o disléxico a resumir o conteúdo das aulas para facilitar seu aprendizado; aconselha que o aluno não faça longas cópias do quadro, pois isso não o estimula; e que haja menos deveres de casa envolvendo leitura,

pois sozinho, dificilmente o aluno irá conseguir ler. Assim como qualquer outra atividade é necessário que o docente faça o planejamento, pois, as estratégias e metodologias variam de cada caso e cada pessoa.

Ainda de acordo com Capretz (2012) a melhor maneira de se trabalhar com um disléxico é explorando a aprendizagem multissensorial com o lúdico, ou seja, utilizando outros canais que não sejam a visão, como por exemplo, caminhar com a criança sobre uma letra, deixá-la interagir com a caixa tátil, fazer gelatina na forma das letras, fazer uma sopa de letras, vendar a criança para ela tentar descobrir com o dedo a forma de alguma letra ou palavra, colar barbante ou feijão em cima da letra entre outras.

Todas essas sugestões são formas lúdicas, pois o trabalho do docente deve ser lúdico para que a criança se desenvolva com outros meios sensoriais. É ideal é alternar as atividades, para que aos poucos a criança seja introduzida no mundo das letras sem perceber.

2.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO DISLÉXICO

A família exerce um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem da criança disléxica. É fundamental que a família auxilie a criança nas tarefas de casa; dividir o dever em partes, para cansar menos e produzir mais; ter alguém para ler os enunciados e explicar, caso a criança tenha dúvidas; dividir a leitura de livros; começar a estudar os conteúdos da avaliação muito antes para ter tempo para leitura de pequenas partes por vez; procurar sites, revistas que possuem figuras, desenhos que possam facilitar a compreensão; baixar filmes que retratem questões históricas ou literárias, que estão sendo vistas na escola; são atividades simples, que com o apoio da família resultam em pontos satisfatórios.

Vale ressaltar que é importante que a família identifique qual horário a criança se sente melhor para estudar e converse com a coordenação da escola para verificar a disponibilidade para atender às necessidades da criança quanto à prova oral e as outras necessidades. Com o apoio da família a escola pode

propiciar o acompanhamento indicado no laudo da criança para melhor evolução do desempenho escolar.

Agindo dessa forma, pais e educadores estarão juntos, ajudando a criança a amenizar e superar este transtorno.

3. O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ALUNO DISLÉXICO: UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

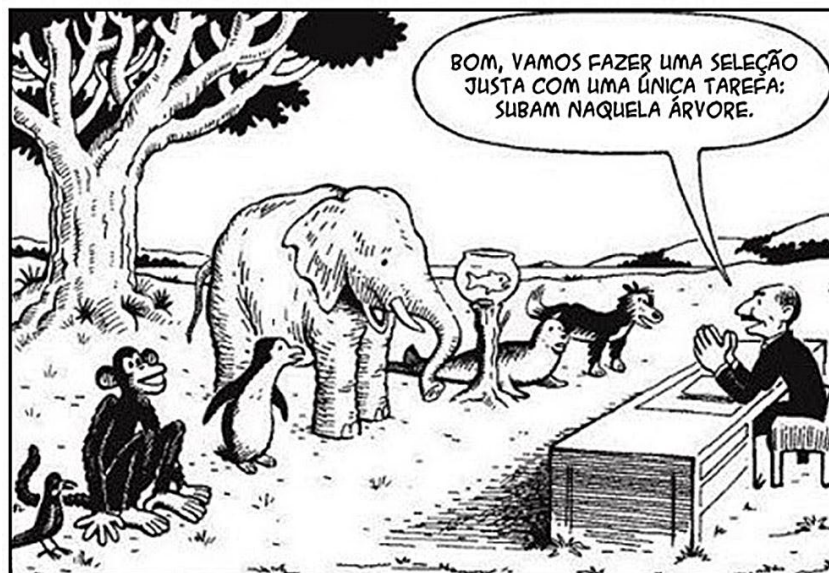


Figura 01 - Charge publicada, em 29/09/2013, na revista FEUC em foco.
Fonte – <http://www.feuc.br/revista/index.php/tag/avaliacao/>

A Constituição Federal de 1988, em seu art.: 208, inciso III, proferiu o seguinte texto: “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”, amparando os educandos com dificuldades de aprendizagem relacionadas com a linguagem (dislexia, disgrafia e disortografia).

A Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diretrizes e Bases da Educação Nacional, uma lei derivada da Constituição Federal, fizeram a alteração da terminologia “portadores de deficiência” para “educandos com necessidades educacionais especiais”.

A dislexia trata-se de uma dificuldade específica de aprendizagem, e por isso se enquadra no âmbito da Educação Inclusiva⁴, onde todas escolas de ensino regular tem por obrigação, modificar seu funcionamento e estrutura para incluir

⁴ A educação inclusiva aponta para a transformação de uma sociedade inclusiva e é um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular.

todos os alunos, e com isso beneficiar tanto os que têm dificuldades de aprendizagem quanto os demais. De acordo com a Declaração de Salamanca:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. (Declaração de Salamanca, 1994, p. 61)

Cabe a instituição e ao docente exercer com responsabilidade o processo de inclusão, onde é necessário ter uma visão holística, ou seja, irmos para além das dificuldades encontradas em sala de aula. É papel do docente que esteja em constante busca de métodos e ferramentas avaliativas diversificadas onde certamente será feita a diferença no processo de ensino e aprendizagem do aluno disléxico.

Quando o docente repensa as formas de ensinar e avaliar ele é levado a refletir criticamente, tendo em vista a garantia da aprendizagem de todos.

Sabemos que no ambiente escolar, nos deparamos com alunos disléxicos que possuem necessidades e tem características diferentes, daí a importância de citar a metáfora do caleidoscópio:

Quanto à inclusão, cuja metáfora é a do caleidoscópio, afirma-se que qualquer aprendiz, sem exceção deve participar da vida acadêmica em escolas comuns e nas classes regulares, nas quais deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente (CARVALHO, 2004, p.28).

A partir da metáfora do caleidoscópio, o pensamento recorrente na empreitada de uma pesquisa que lida com sistemas abertos diz respeito ao desafio da tessitura metodológica para qual a sensação é de um “efeito borboleta”. (CRUZ; MENENGUCI, 2010, p. 3)

A ideia de inclusão coloca essa perspectiva em questão, uma vez que:

[...] as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças, ao invés de se adaptar a criança a assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem [...]. (BUENO, 1993, p. 1)

Realizar o processo de avaliação de um aluno disléxico em numa perspectiva inclusiva, permite que o aluno expresse de seu modo, o seu aprendizado. A ação de avaliação torna-se uma prática de constante reflexão da ação docente e da relação pedagógica no que tange à construção de diferentes formas e estratégias de ensino. E nesse seguimento, o que frequentemente é considerado como erro para o docente, passa a ser visto como uma nova oportunidade de construir os acertos, em uma indicação de como o aluno está assimilando as relações entre os conteúdos trabalhados.

Sobre o processo de avaliação da aprendizagem, Hoffmann defende uma prática constante, e afirma que nessa perspectiva a avaliação:

Deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento. (HOFFMANN, 1998, p. 21)

Nesse segmento, de acordo com a especificidade de cada indivíduo, faz-se necessário a utilização de diversos instrumentos capazes de possibilitar a coleta de informações sobre o trabalho docente que é realizado. A avaliação de forma oral tem demonstrado ser o instrumento mais eficaz dentre eles, visto que o aluno disléxico tem muita dificuldade de processar a decodificação das letras. É de extrema importância que seja proposta uma prática avaliativa diversificada e contínua para que possa ser respeitada a individualidade de cada sujeito, entretanto, devemos considerar que a prática avaliativa diversificada não é fazer uso de instrumentos aleatórios, “a avaliação é um campo teórico e prático que possui um caráter metódico e pedagógico que atende a sua especialidade e intencionalidade.” (SILVA, 2009, p. 15)

A avaliação inclusiva deve combater os paradigmas que vimos de erros, fracassos e incapacidades. É necessário que ela seja sempre vista como hipótese para a nova construção de um caminho para a aprendizagem. Por isso é necessário respeitar e incentivar o ritmo do aluno disléxico.

Esteban afirma que:

Sem pretender responder a essas questões, me parece relevante refletir sobre elas com a finalidade de repensar o processo de avaliação e agir no sentido de criar/consolidar práticas pedagógicas democráticas. Estamos vivendo mais um

momento de construção de propostas para a redefinição do cotidiano escolar e podemos perceber que a avaliação é uma questão significativa nesse processo. (ESTEBAN, 2003, p.11)

É importante ressaltar que há três alternativas, no tocante à avaliação, que se apresentam. Segundo Esteban (2003), uma delas diz do retorno ao padrão rígido definido pela avaliação quantitativa, expresso pelas avaliações de larga escala, propostas pelo Ministério da Educação. A segunda via versa sobre a consolidação de um modelo híbrido, que acomoda o modelo qualitativo, não rompendo claramente com as perspectivas mais conservadoras de avaliação. E uma terceira perspectiva, em processo de construção, que aborda:

Alternativas de avaliação que estão sendo pensadas como parte de um processo de construção de uma pedagogia multicultural, democrática, que vislumbra a escola como uma zona fronteira de cruzamentos de culturas. Esta percepção implica numa mudança radical na lógica que conduz as práticas de avaliação porque supõe substituir a lógica da exclusão, que se baseia na homogeneidade inexistente, pela lógica da inclusão, fundamentada na heterogeneidade real. (ESTEBAN, 2003, p.14)

Alunos com diagnósticos de dislexia estão cada vez mais adentrando à escola regular. Aspectos relevantes para efetivação de processos inclusivos, porém, ainda não estão consolidados. Tudo isso justifica a realização de pesquisas nesta área, pois há a necessidade de construir novos conceitos e novos caminhos para direcionar essa nova realidade inclusiva. Nessas discussões, percebi a “vulnerabilidade” da avaliação no tocante a educação inclusiva.

4. METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O tema avaliação, certamente, já foi, e continua sendo, motivo de muitos estudos e pesquisas na área da educação, de forma geral. Contudo, quando se trata de pensar a avaliação no sujeito com dislexia o cenário se apresenta de modo mais sutil. Essa afirmativa é possível, especialmente, a partir dos dados levantados na revisão de literatura.

Na base Scientific Electronic Library Online (SciELO), por exemplo, a partir dos buscadores “dislexia”, “avaliação” e “diagnóstico” foram encontrados 14 trabalhos. Desses trabalhos levantados, 4 foram selecionados para leitura, sendo eles: “*O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção*”, de Vanessa Panda Deuschele e Cláudio Cechella; “*A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades*”, de Giselle Massi e Ana Paula de Oliveira Santana, “*Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial*”, de Doris Anita Freire Costa; e a “*Intervenção precoce em escolares de risco para a dislexia: revisão da literatura*”, de Maíra Anelli Martins e Simone Aparecida Capellini. Desses, 3 foram utilizados na realização deste estudo e 1 assumido como suporte teórico para esta pesquisa que se pretendeu qualitativa.

De acordo com Minayo (1992), a pesquisa é um "fenômeno de aproximações sucessivas da realidade, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados", tem como objetivos: a descrição, observação, significado e a compreensão.

Como instrumento para a coleta de dados da pesquisa, foi realizada uma entrevista utilizando um questionário que tem como objetivo conhecer a dislexia do ponto de vista da professora regente de classe em atuação numa escola particular localizada na cidade de Serra (ES).

Além da entrevista utilizamo-nos de observações acerca do cotidiano da sala de aula do aluno Cirilo.

O ponto de partida da pesquisa foi uma escola da rede privada, localizada na Cidade de Serra-ES, que possui uma clientela basicamente homogênea, onde

os alunos são assistidos com materiais didáticos de qualidade possibilitando a busca da excelência na formação educacional. No corpo docente todos são graduados e pós-graduados em diferentes áreas e estão em constante busca de conhecimentos.

Uma das características dessa escola que vale ressaltar são as reuniões individuais solicitadas pelos docentes, quando identificado algum comportamento anormal no aluno. Essa intervenção do docente é muito importante, pois pode ser o primeiro passo para o diagnóstico de algum distúrbio.

O sujeito, identificado em nossos estudos como aluno Cirilo, está matriculado no 2º ano do Ensino Fundamental e foi diagnosticado como disléxico no dia 01/08/2014, com 6 anos de idade, por uma equipe multidisciplinar. O primeiro momento com ele aconteceu no dia 02/05/2015, quando fui remanejada para a sala de aula, com o objetivo de auxiliá-lo nas atividades.

A partir do contato diário, percebemos que ele não tem domínio da leitura, mas é capaz de responder oralmente as mesmas perguntas direcionadas para os demais alunos. Com a expectativa de que ele consiga dominar a leitura e a escrita, a professora Helena⁵, elabora atividades extras de alfabetização que são realizadas em sala de aula.

A respondente dessa pesquisa, identificada como professora Helena, é formada em Licenciatura Plena em Pedagogia e atua nessa escola há 5 anos. Já trabalhou com outros alunos diagnosticados como disléxicos, o que nos remete a ideia de uma professora experiente nessa área.

O processo de observação dessa pesquisa durou aproximadamente 2 meses, aconteceu diariamente em sala de aula, pois, um dos focos dessa pesquisa é a análise da prática pedagógica da professora, a partir de suas estratégias de intervenção até as práticas avaliativas que realizada com o aluno Cirilo.

Este estudo foi desenvolvido a partir das observações diárias e entrevista realizada com a professora Helena. O roteiro da entrevista (Anexo A) é

⁵ Nome fictício para a identificação da professora.

composto por oito questões abertas, esse método teve como objetivo saber os conhecimentos que a mesma possui, acerca do tema em tela. Quando questionada sobre o conceito de dislexia, a professora Helena disse que:

Dislexia é um distúrbio genético e neurobiológico que independe da preguiça, falta de atenção ou má alfabetização. É uma desordem no caminho das informações, o que inibe o processo de entendimento das letras e, por sua vez, compromete a leitura e a escrita. (Professora Helena)

A professora Helena, ciente do conceito e do diagnóstico do aluno Cirilo, interfere com autonomia em sala de aula e diminui a probabilidade dele ser classificado pelos colegas de sala como burro, incompetente e preguiçoso. O que é de extrema importância, pois atinge diretamente autoestima do aluno.

No que diz respeito às características a professora Helena afirma que:

As características da dislexia variam de acordo com os diferentes graus do transtorno, mas o aluno tem dificuldade para decodificar as letras do alfabeto e tudo o que é relacionado à leitura. O aluno não consegue associar o símbolo gráfico e as letras ao som que eles representam. (Professora Helena)

A professora Helena ressalta ainda, que é extremamente importante que o docente analise as características de cada aluno, pois cabe a instituição de ensino comunicar aos pais quando é identificado um comportamento diferente. Seguiu dizendo que não foi o caso do aluno Cirilo, pois o mesmo já chegou à escola com o diagnóstico.

Uma vez que o aluno é diagnosticado como disléxico cabe à escola e a professora Helena adequar o planejamento e execução das aulas de acordo com as necessidades do mesmo. Portanto a professora Helena realiza esse planejamento levando em consideração que:

O aluno Cirilo consegue assimilar o que é lecionado em sala, ele realiza as tarefas propostas para a turma de forma oral, visto que o mesmo não tem domínio sobre a escrita formal. O aluno também realiza algumas atividades extras mais voltadas para alfabetização. Vale ressaltar, que contamos com uma auxiliar de sala que juntamente com a professora dá todo apoio e incentivo ao aluno. (Professora Helena)

Ao fim da entrevista com a Professora Helena, compreendi a importância do docente conhecer as características, dificuldades e necessidades de cada aluno para poder realizar o planejamento de acordo com as especificidades de cada um, seja ele disléxico ou não.

Vale ressaltar que a professora se baseia na teoria de Vygotsky, pois o mesmo em suas escrituras afirma que “[...] todos os seres humanos são capazes de aprender, mas é necessário que adaptemos a nossa forma de ensinar.”

Vygotsky (1999)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um estudo sobre o processo de avaliação do sujeito disléxico foi desafiante e contribuiu muito para o nosso processo de formação. Conhecer os diferentes olhares do conceito de dislexia, sobretudo, as formas de diagnósticos e intervenções feitas pelo docente, foi esclarecedor.

O estudo nos remeteu a uma reflexão profunda sobre a práxis docente, que envolve, primeiramente, amor à profissão, assim como, muita criatividade para poder auxiliar um aluno disléxico, no qual se faz necessário o uso de ferramentas e métodos que condiz com a prática inclusiva.

Ao término do estudo, ficou a certeza da importância que tem o trabalho do pesquisador, onde tivemos a chance de presenciar a superação do aluno disléxico, assim como, os desafios encontrados e enfrentados pelo docente no contexto do tema investigado.

A interação com o sujeito foi enriquecedora, nos mostrou a importância do constante aprimoramento do docente e nos permitiu pensar sobre algumas ações que envolvem a inclusão do aluno em sala regular. Identificamos que o aluno disléxico ao dispor de práticas inclusivas consegue extrair conhecimentos e acompanhar o processo de ensino. Vimos o quanto é importante o acompanhamento individual feito pelo docente, à presença da família na escola e o apoio da equipe pedagógica.

Apesar de ser possível diagnosticar a dislexia precocemente antes de a criança aprender a ler, acredito que a falta de informação quanto a esta dificuldade pode ser a causa do insucesso escolar e em outras áreas da vida de muitas pessoas, podendo levar tanto os docentes como a família a confundirem a dislexia com a falta de atenção ou a preguiça.

E para finalizar, cabe pontuar que o processo de avaliação do sujeito com dislexia, ainda é tratado de forma muito sutil. É necessário que os docentes pesquisem, conheçam mais sobre a dislexia, sendo capazes de fazer a identificação, para então buscar os encaminhamentos necessários, de direito

das inúmeras crianças com dificuldades de leitura que podem ser disléxicas e fazem parte do contexto escolar das escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

Abaurre, M. B. M., Mayrink-Sabinson, M. L. T., & Fiad, R. S. (Orgs.). (2003). **Estilo e gênero na aquisição da escrita**. Campinas, SP: Komedi.

Associação Nacional de Dislexia. Disponível em: <<http://www.andislexia.org.br/dislexia.html>> . Acesso em: 06 jun. 2015.

CAPRETZ, Nancy. **Problemas e Distúrbios da Aprendizagem**. Departamento de Pós-Graduação e Extensão. Valinhos, SP: Anhanguera Educacional, 2012. Disponível em: <<http://anhanguera.com>>. Acesso em: 10/06/2015.

DENARDI, Sandra Mara Dalee Cort. **Dislexia: distúrbio de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/dislexia-disturbio-de-aprendizagem-4063908.html>. Acesso realizado em: 25/05/2015.

DEUSCHLE, Vanessa Panda; CECHELLA, Cláudio. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. **Rev. CEFAC**, São Paulo , v. 11, supl. 2, p. 194-200, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15161846200900060009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27/06/2015

FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1987.

Franchi, C. (1992). **Linguagem: Atividade constitutiva**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, (22), 9-39.

Massi, G. A. (2007). **A dislexia em questão**. São Paulo: Plexus.

NASCIMENTO, Raquel T. A. do; SANTANA, Tatiany B. de; BARBOSA, Anna Carolina C. **A intervenção psicopedagógica é eficiente em criança com dislexia do desenvolvimento? Revista Psicopedagogia**, São Paulo, p.1-11, 1 jul. 2011. Mensal. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000200006> . Acesso em: 06 jun. 2015.

NASCIMENTO, Raquel T. A. do; SANTANA, Tatianny B. de; BARBOSA, Anna Carolina C. **A intervenção psicopedagógica é eficiente em criança com dislexia do desenvolvimento?** Revista Psicopedagogia, São Paulo, p.1-11, 1 jul. 2011. Mensal. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/artigos/121.pdf>>. Acesso em: 10/06/2015.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectologia.** La Habana: Pueblo y Educación, 1989. (Obras escogidas, tomo 5).

ANEXOS

ANEXO A

(Questionário aplicado ao professor regente do 2º ano do Ensino Fundamental I.)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa sobre: O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO SUJEITO COM DISLEXIA: UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA.

- 1) O que você entende por dislexia?
- 2) Quais são as características do aluno com dislexia?
- 3) De que modo você soube que o aluno tem dislexia? Foi você quem identificou? De que maneira?
- 4) Do ponto de vista da prática pedagógica, no processo de ensino e aprendizagem com o aluno disléxico, como se dá o planejamento e a execução de suas aulas pensando nesse aluno? Quais estratégias e/ou recursos são utilizados?
- 5) Quais suportes teóricos orientam sua prática pedagógica?
- 6) Como se dá o processo avaliativo com o aluno disléxico?
- 7) Considerando que a educação numa perspectiva inclusiva busca garantir o princípio da aprendizagem como direito de todos, que considerações você faz quanto à prática da sua unidade de ensino no que diz respeito à garantia da aprendizagem do aluno com dislexia? Você considera que a sua unidade de ensino trabalha nessa perspectiva?
- 8) Quais conhecimentos são necessários ao professor para lidar com o aluno com dislexia?

